

## O REGIONALISMO BEIRÃO DE AQUILINO RIBEIRO EM DUAS NOVELAS

Marília Angélica Braga do Nascimento<sup>9</sup>

### Resumo

Aquilino Ribeiro (1885-1963) ganhou notoriedade na cena literária portuguesa por tratar, em suas obras, do ambiente rural lusitano e, conseqüentemente, de personagens rústicas que se movem nesse espaço. O objetivo deste trabalho é mostrar a perspectiva regionalista do autor, levando em consideração seu próprio posicionamento sobre a questão, o posicionamento de outros críticos e o modo como essa vertente se configura em seus textos. Para tanto, além do diálogo com declarações do escritor e de estudiosos de sua obra, buscamos realizar um estudo comparativo com duas de suas narrativas, *O Malhadinhas* e *Mina de Diamantes*, ambas publicadas em 1958, em um volume que leva o título da primeira. Com esse intuito, procuramos empreender uma análise que enfoca trechos nos quais, a nosso ver, se manifesta mais propriamente o aspecto regional patente nas obras em apreço, revelando a relação do homem com as forças naturais e sociais do universo serrano português.

**Palavras-chave:** Literatura. Aquilino Ribeiro. Regionalismo.

### Abstract

Aquilino Ribeiro (1885-1963) gained notoriety in the Portuguese literary scene for addressing, in his works, the Lusitanian rural environment and, consequently, rustic characters that perform their actions in this space. The aim of this study is to show the regionalist author's perspective, taking into account his own position on the issue, the position of other critics and, yet, the way this matter is set in his texts. In order to achieve our goal, besides the link with the statements from the author and scholars of his work, we intend to make a comparative study with two of his narratives, *O Malhadinhas* and *Mina de Diamantes*, both published in 1958, in a volume named after the former. To this end, we aim to carry out an analysis that will focus on excerpts that, in our view, manifest in a clearer way the apparent regional aspect of the two books approached is this work, revealing the relationship between man and the natural and social forces of the highland Portuguese universe.

**Keywords:** Literature. Aquilino Ribeiro. Regionalism.

Acerca do modo como a literatura tem compreendido o conceito de região, Albertina Vicentini (2007, p. 187) afirma que esta (a região) é entendida como “um mundo já elaborado, matéria pronta, que enfatiza espaços físicos, história, usos, costumes, imaginários específicos e regimes interpessoais”. A pesquisadora assinala também que “o recorte temático principal em torno do qual a literatura regionalista tem

---

<sup>9</sup> Mestre em Letras e Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC)

trabalhado seus temas e seus conteúdos identitários é, especialmente, *o mundo rural*” (VICENTINI, 2007, p. 189).

É esse *locus*, ou seja, o mundo rural, que pretendemos focalizar neste trabalho, particularmente a aldeia serrana portuguesa – com a rusticidade de sua caracterização física, da linguagem e dos costumes de seus habitantes – que figura em muitas das páginas de Aquilino Ribeiro (1885-1963). Embora a produção do autor de *Jardim das Tormentas* (1913) não se restrinja à vertente regionalista, foi por meio dela que o escritor ganhou notoriedade na cena literária lusitana da primeira metade do século XX.

Conforme salienta Ana Luisa Cordeiro (2009), os espaços regionais surgiram na literatura portuguesa desde cedo, ainda que não tenham sido o foco imediato do texto literário ou que os autores não tenham tido a intenção de colocá-los em relevo nas obras. É inegável, porém, que esses espaços compareceram em Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Almeida Garrett, Júlio Dinis, Eça de Queirós, Teixeira de Pascoaes, entre vários outros. Bastaria consultar alguns dos títulos desses autores para se chegar a essa conclusão. Seguindo na linha do tempo, não se deve esquecer, ainda, de nomes como Miguel Torga, Ferreira de Castro, Alves Redol, Fernando Namora, Vergílio Ferreira e mesmo José Saramago, os quais também deixaram transparecer, de um modo ou de outro, aspectos regionais em sua produção.

As discussões em torno de uma orientação regionalista em Portugal começaram a ganhar força na segunda década do século passado, com a influência do Integralismo Lusitano, que incentivava a divulgação de populações, paisagens e tradições regionais. Aquilino Ribeiro, que discordava da ideologia integralista, foi um dos participantes do inquérito organizado pelo *Diário de Notícias*, referente ao panorama literário daquele momento, e no qual se lançava ênfase sobre o movimento regionalista.

*Terras do Demo* (1919), segundo romance de Aquilino, foi considerado, conforme pontua Cordeiro (2009, p. 18), “a primeira obra regionalista na literatura portuguesa”. O projeto estético de seu criador tinha uma conotação social, uma vez que ele se considerava um “interventor no mundo”, não um simples observador e receptor dos estímulos externos. Aquilino, como “homem de ação”, tomou para si a missão de contribuir para um renascimento literário que voltasse “às origens, aos clássicos e ao povo”, conforme declara na carta-prefácio da obra supracitada. Em sua perspectiva, a literatura vai muito além do ideal platônico de arte parte arte; ela precisa se comprometer, assumindo o papel de “catalizador do facto social”, devendo, por isso,

“ocupar-se com as misérias e virtudes, os sonhos e as realidades, os anseios e as cruzeiras do magma humano no que se oferece de mais rico e profundável.” (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 69,70).

Não obstante o rótulo de escritor regionalista tenha sido habitualmente atribuído ao idealizador de *Andam faunos pelos bosques* (1926), seu trabalho literário não se circunscreve unicamente a essa tendência. Quando falece, em 1963, após cinquenta anos de intensa atividade, deixa Aquilino o legado de dezenas de títulos, nos quais se percebe significativa variedade de gêneros e estilos, abrangendo textos ficcionais (em formas diversas), críticos, biográficos, jornalísticos, etnográficos, históricos e sociológicos.

Adotando um posicionamento estético independente, Aquilino não se filia a qualquer das correntes literárias suas contemporâneas, obedecendo ao seu ideal de originalidade, referido em vários textos. A título de exemplo, destacamos este excerto, extraído do prefácio à segunda edição de *Volfrâmio* (1944): “No entanto, ninguém tem mais horror a fórmulas do que eu. A fórmulas, cânones de escolas e tiranias da moda. Fórmulas em arte equivalem a muletas e eu não só não uso bengala como entre dois caminhos escolho sempre o menos trilhado e aquele por onde menos andei.” (RIBEIRO, 1985, p. 8). O escritor alega não ceder a preceitos estéticos de escolas, nem aos gostos do público: “Nada me fará sacrificar aos gostos nem aos caprichos do público” (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 65). Segundo ele, dois requisitos o movem quando escreve: “observância do real e originalidade” (RIBEIRO, 1985, p. 8).

Para Taborda de Vasconcelos (1965), Aquilino Ribeiro realizou uma verdadeira síntese das coordenadas por vezes divergentes de seu tempo. Síntese pessoal e autônoma no que se refere à temática, à exaltação dos instintos postos em liberdade, ao entrecruzamento do ceticismo, do primitivismo regionalista e do poder de evocar a emoção, aspectos explorados em sua prosa.

Natural da Beira Alta, Aquilino Ribeiro resume algumas das características dessa região da seguinte forma: “brutalidade e melancolia, rizeira e desespero, perspectivas abstratas e um sentido da vida muito concreto – eis a Beira Alta” (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 55). Esse cenário brutal, rijo e concreto ao qual o escritor se refere é uma constante em sua ficção. O torrão natal delinea-se em várias de suas obras, mormente naquelas que lhe conferiram a designação de regionalista, fazendo pulsar, em toda a sua vitalidade, a linguagem, os costumes, os tipos humanos beirões.

Referindo-se ao trabalho de Aquilino com a língua e com o homem simples do cenário serrano, Manuel Mendes declara que

[...] a obra do ficcionista é variada, caudalosa, múltipla, e, quer pela observação perspicaz da natureza, em que bichos e homens, rios, nuvens, montes e árvores, tudo freme do mesmo prodígio de criação, [...] quer ainda pela formosura sadia e máscula da linguagem, de sabor raro e engenho tão agudo, tudo nos dá a medida do escritor excepcional que é Aquilino Ribeiro. (MENDES, 1960, p. 12).

Frederick Charles Hesse Garcia, por sua vez, define como obras típicas de Aquilino “aquelas que retratam o mundo rústico da Beira, a vida de Aldeia, o homem que vive perto da natureza, com os instintos à flor da pele” (GARCIA, 1981, p. 91, 92). Nesse sentido, a obra aquiliniana aponta para uma visão de mundo que procura descortinar o homem em seu primitivismo, naturalidade e espontaneidade de gestos, através de uma linguagem autêntica e rica em potencialidade semântica.

Sobre sua afeição pelo elemento da natureza, Aquilino, referindo-se à sua obra de estreia, afirma: “Já aí me mostro apaixonado pela natureza, à maneira dos impressionistas. A natureza goza, nos meus livros, de uma insuspeita personalidade. Para mim, o homem só conta no seu meio, tanto físico como social. Quero-o evoluindo no cenário que lhe é próprio.” (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 59). Observa-se que o escritor constrói suas personagens considerando, de maneira muito consciente e cautelosa, as circunstâncias externas, o meio, a realidade circundante, em que cada coisa, cada ser, por mais ínfimo que possa parecer, guarda a sua importância.

Henrique Almeida (1993) salienta que o prefácio de *Terras do Demo* (1919) pode ser entendido como uma espécie de “manifesto” em defesa do regionalismo, no qual Aquilino declara seu propósito: “descer a arte sobre a bronca, fragrante e sincera Serra, e, em certa medida, activar o desquite entre a nossa Língua e essa literatura desnacionalizada, francizante, de que se atulha a praça” (RIBEIRO, 1985, p. 7). Tais palavras revelam o anseio de valorização do nacional por meio do aspecto linguístico, mostrando desprezo por estrangeirismos. Sob essa ótica, o autor considera a literatura regionalista como uma necessidade de “renovar o veio da Língua viciado por outras línguas, corrompido pela gíria da urbe”, e elege a “Serra” como espaço de predileção, pois, para ele, “a madre é na aldeia; ali está puro o idioma” (RIBEIRO, 1985, p. 8).

Todavia, o autor de *Abóboras no telhado* (1955) mostrou oscilações em seu posicionamento acerca da existência uma literatura regionalista em Portugal e de manifestações dessa tendência em sua produção. Essa postura é explicável mui

provavelmente pelo caráter depreciativo que a crítica sua contemporânea imprimia à orientação regionalista. Por isso, Aquilino serviu-se de preâmbulos de algumas de suas obras para se defender dessas críticas de conotação pejorativa. É o que ocorre, por exemplo, no prefácio de *Andam faunos pelos bosques* (1926):

Em verdade, se [ser] regionalista é ter descrito outra coisa que não Lisboa, não reclamo melhor diploma. Porém, se ser regionalista é dar o meio e a compararia na sua modalidade léxica, descer o escritor, despersonalizando-se, à reprodução e não interpretação, só me convém o título para duas ou três centenas de páginas de meia dúzia de livros que escrevi. (RIBEIRO, 1985a, p. 8).

Posteriormente, acusa a crítica de possuir “intuitos malévolos” ao tachar um escritor como regionalista. Para ele, a utilização do rótulo indicava que o escritor não tinha pendor imaginário, ou seja, era “dotado de asas curtas, impróprias a voo de altanaria” (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 75). Além disso, considerando o critério da variação idiomática e a pequena extensão territorial do país, questiona mesmo a existência de escritores regionalistas em sua nação. Esse questionamento já havia aparecido em *Abóboras no Telhado* (1955), nos seguintes termos:

Por outra, se existe um regionalismo francês ou germânico, com Mistral ou com Bauer, caracterizado pela fala dialetal, costumes à parte, índole diferente, pode havê-lo num país como o nosso, todo do mesmo cerne, igual, com um só idioma do Norte ao Sul, em tudo o mais, rotina, burel, tojo, *solus totus et unus?* (RIBEIRO, 1963, p. 79, grifo do autor).

Contudo, apesar das hesitações e do desejo demonstrado nesses momentos de se desvencilhar da pecha de regionalista que a crítica lhe impunha, o autor de *O Malhadinhas* (1958) não conseguiu abandonar os aspectos telúricos que moldaram seu espírito, conferindo a uma parte significativa de seus escritos uma dimensão regional que o coloca em destaque na literatura portuguesa. Assim, Aquilino deve, sim, ser inserido “no leque dos escritores que deram estreita atenção a realidades regionais” (ALMEIDA, 1993, p. 25).

Reconhecemos, no programa estético do autor, aquele “impulso renovador nacionalista” referido por Nelly Novais Coelho (1973, p. 19), relacionado sobretudo com a representação do homem em seu meio natural/primitivo e da linguagem por ele utilizada. A noção do fazer artístico defendida pelo escritor ajuda-nos a compreender esse propósito:

Na minha opinião, para ser romancista, poeta, músico, pintor, antes de mais nada é preciso saltar para cima do telhado da casa em que nascemos, esta grata e inoriginal velharia. De lá tocar a bandurra, falar, exprimir-se. De outro modo não interessamos a ninguém. A vida é renascimento contínuo. (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 86).

Nestas palavras, podemos constatar uma afirmação concomitante do regional e do nacional, na medida em que refletem o pensamento de Aquilino em relação ao olhar que o artista/criador deve votar às próprias origens, reconhecendo o valor do espaço onde nasceu e se criou, do lugar que lhe proporcionou as primeiras experiências com o mundo. Desse modo, quando o elemento regional transcende as fronteiras espaciais, ganhando maior alcance, ampliando-se, ocorre a transfiguração do beco no belo e a consequente expressão do belo no beco, aludidas por Ligia Chiappini Leite (1997, p. 135).

Em *Abóboras no Telhado* (1955), Aquilino reafirma o programa que teria traçado a partir de *Jardim das Tormentas* (1913): “Tão-pouco derivei do desígnio: nacionalizar o romance, indo às fontes lustrais, empregando ‘terra’ bem portuguesa, desde a linguagem à carne e osso das personagens, com suas respectivas manifestações.” (RIBEIRO, 1963, p. 72). Dessa forma, como salienta José Manuel Sobral (2002, p. 16), para realizar sua proposta de nacionalização do romance, o escritor utiliza três elementos principais: “terra, linguagem e personagens de ‘carne e osso’, os de sua própria região”.

Assim, não obstante considerar Portugal como unificado linguisticamente, Aquilino recorre à linguagem popular e regional, encarnada em suas personagens, como meio de cumprir o programa acima referido. Realçando seu objetivo, o escritor afirma: “Em harmonia com o postulado é que eu puxei a terreiro um brava e imprevista comparsaria de homens de sachola e mangual, de serranos de pau e manta, pimpões de faixa e navalha, raparigas de neve e fogo, mais ou menos inéditos para as letras nacionais.” (RIBEIRO, 1963, p. 72).

Feitas essas considerações, podemos dizer que, pelo trabalho com o homem rústico, retratado em seu ambiente natural e expresso em sua linguagem espontânea enraizada na cultura popular, *O Malhadinhas e Mina de Diamantes*, novelas enfeixadas num mesmo volume, publicado em 1958, mas separadas pela distância temporal de 36 anos, podem figurar entre as ditas obras aquilinianas de caráter regional.

Primeiramente publicado em 1922, em *Estrada de Santiago*, *O Malhadinhas* é uma narrativa desfiada em 1ª pessoa por Antônio Malhadas, um velho almocreve que conta sua própria história de vida. Malhadinhas, como é mais conhecido, vive no

acanhado povoado de Barreelas e é um sujeito rude, sempre disposto a mostrar coragem e valentia em defesa própria ou de algum desvalido. *Mina de Diamantes*, por seu turno, traz Diamantino Dores como protagonista, um imigrante português que mora no Rio de Janeiro. Em razão de peripécias amorosas e temendo pela própria vida, Dedê, como é familiarmente denominado, resolve ir visitar a família em sua terra natal, Chambão das Maias, localizada, assim como Barreelas, em região rural portuguesa.

Embora os enredos retratem períodos e realidades diferentes, as narrativas se tocam no que se refere aos aspectos regionais nelas representados. Ambas reportam-se a um cenário rural, o ambiente serrano da Beira, com personagens que se aproximam pela rusticidade de costumes e pelas peculiaridades da linguagem. Em *O Malhadinhas*, este último aspecto é um dos que mais chamam a atenção, pela abundância de formas proverbiais, adágios, rifões, ditados que saltam de seu discurso do narrador, enriquecendo-lhe a expressão.

Embora reconheçamos o trabalho de estilização realizado pelo escritor, reconhecemos igualmente as vozes do dizer popular, o léxico do camponês recriado na figura do almocreve. Como declara o próprio Aquilino, “o que perpassa por debaixo do franco falar do Malhadinhas é a velha terra de Barreelas com as suas bisbilhotices, os seus amores lícitos e ilícitos, as suas cenas de cupidez e valentia, sangue e arraial, como cá para o Sul sangue e arena” (RIBEIRO *apud* MENDES, 1960, p. 80).

As expressões proverbiais, que surgem quase a cada página, são também evidência do regionalismo na narrativa de Aquilino. A título de exemplo, podemos citar: “Moça louçã, cabeça vã”; “Mente Marta como sobrescrito de carta”; “contas na mão, olho no ladrão”; “Deus te guarde de *parrafo* de legista, infra de canonista, etcetera de escrivão e récipe de mata-são.”; “Menina, vinha, peral e faval são maus de guardar” (RIBEIRO, 1958, p. 19, 20, 117, 119, 125 grifo do autor). Para Alexandre Pinheiro Torres (1985), essas locuções proverbiais ou aforísticas proferidas pelo protagonista são capazes de nos fornecer seu recorte psicológico. Através delas ficamos conhecendo características importantes da personalidade singular do almocreve. São como chaves que revelam pensamentos, valores e preconceitos da personagem. Uma bastante significativa é a que diz: “Se o grande fosse valente, o pequeno paciente, e o ruivo leal, a terra seria um pombal.” (RIBEIRO, 1958, p. 104). Ilustra bem a cosmovisão do narrador, para quem o mundo está às avessas e já não pode ser consertado.

Com efeito, podemos delinear, a partir dos provérbios, rifões, adágios ou ditados que pululam na voz do nosso orador, traços nítidos de sua personalidade, de sua visão de mundo e da realidade social que o envolve. O aspecto popular está presente não

só nas formas proverbiais em si, mas na própria maneira como Malhadinhas toma conhecimento delas, ou seja, através da transmissão oral. Algumas, ouvira da mãe, outras, do pai, outras, ainda, do avô, outras mais, do padre, do frade e de outros com quem teve algum tipo de contato. Portanto, é graças à voz do povo que ele adquire as “sabenças” que dão corpo aos seus pensamentos e orientam muitas de suas atitudes. Assim fica demonstrado o tratamento com a linguagem na narrativa de Aquilino Ribeiro, expresso sobretudo através das locuções proverbiais recorrentes no relato de Malhadinhas.

Embora bem menos abundantes, podemos encontrar também em *Mina de Diamantes* expressões proverbiais típicas da linguagem regional adaptada por Aquilino Ribeiro em suas narrativas. Mas, nesta novela, o elemento regional destaca-se mais pela descrição exuberante da paisagem natural, do cenário rústico da Beira, pela caracterização física e psicológica do homem beirão, pelas descrições realistas do panorama social da região.

Embora, em terras brasileiras, Dedê ocupe o modesto cargo de funcionário público da prefeitura carioca – o que tinha suas vantagens, diga-se de passagem –, em solo lusitano ele arvora-se tão abastado que acabam lhe atribuindo a posse de uma rica mina de diamantes. Assim, correspondendo ao pensamento equivocado de familiares e da comunidade natal, ele leva adiante a farsa e, prodigamente, distribui dinheiro a quantos lhe pedem, não deixando, é claro de gozar algo em troca disso: a estima e admiração de todos, o que muito lhe agrada e alimenta o ego. A esse respeito, Malhadinhas e Dedê se aproximam por se revestirem de certo aspecto picaresco, por procurarem desfrutar de vantagens sempre que possível, por se envolverem em situações nas quais, não raro, precisam se valer de mentiras ou trapaças.

Nesse sentido, eles encarnam a velhacaria que Aquilino Ribeiro utilizou para caracterizar muitos de seus personagens e que, na sua visão, faz parte da construção psíquica e social dos habitantes da região rural portuguesa.

Queremos agora exemplificar alguns dos aspectos regionais mencionados acima, iniciando pela ambientação, o espaço serrano português, conforme a descrição a seguir:

Abrolhavam as plantas, uma lágrima aqui, outra além nos pessegueiros e pereiras, e gomos dum terníssimo verde cobriam giestas e urzes como uma revoada de insectos. Porém, salvo os pinheiros pelos morros, feros e tesos com as suas roçadas negras, as árvores conservavam o quebranto hibernal. Nas vertentes das colinas luzia uma erva muito tenra e lucilante, a pedir seitoura. [...] As mesmas bolas negras e brancas, que eram os rebanhos,

retoçavam nas faldas dos montes e nos restolhos. Tais eram as inalteráveis vinhetas do caminho na serra dos Coronhais. (RIBEIRO, 1958, p. 244).

Nestes termos são descritos flora e fauna da região onde se encontra Dedê quando de seu retorno a Portugal. Observa-se que a serra dos Coronhais é pintada de forma um tanto pitoresca, exibindo, ao mesmo tempo, uma exuberância expressa nas referências às espécies vegetais da região e nos termos exatos utilizados pelo narrador para caracterizar o terreno montanhoso; não se pode ignorar aqui certo entusiasmo de exaltação ao meio. Resguardadas as medidas de tempo e de espaço, a imagem do cenário acima descrito pode ser aproximada do cenário da Barreiras de Malhadinhas, também pitoresca em sua caracterização.

Em outro extrato, já na terrinha de nascimento, eis o olhar de Dedê sobre o ambiente que o cerca:

Quando viu a aldeia miserável alapardada ao sol, com as galinhas a rapar pelos quinteiros e os bácoros a foçar na vasa das valetas, os homens de sacho ao ombro atrás das vacas que seguiam para o pasto vespertino, o mundo, a sua vida, o tempo recuaram um quarto de século. (RIBEIRO, 1958, p. 245).

Aqui, o protagonista observa que, mesmo passados vinte e cinco anos entre a saída e o regresso ao solo de origem, a feição das coisas parece a mesma, por isso exclama: “- Está tudo na mesma. Sai daqui ontem!” (RIBEIRO, 1958, p. 245). Ou seja, o tempo parece não ter passado para a terra natalícia, a fisionomia e os costumes parecem os mesmos de há mais de duas décadas, daí Diamantino alargar essa compreensão para tempos ainda mais remotos e fazer a mesma previsão para tempos futuros: “Estaria tal qual desde mil anos e dali a mil anos, com os penedos a assestar para eles o mesmo ar bronco e eterno. (RIBEIRO, 1958, p. 244). A imagem que o leitor capta através dos olhos da personagem, que vem já carregada pela “modernidade” de uma metrópole brasileira (o Rio de Janeiro), é a de um Portugal ainda arcaico, de uma realidade ainda precária e primitiva.

Também se pode referir ao registro de tradições populares ligadas à religiosidade e ao misticismo como elementos caracterizadores do aspecto regional presente na novela aquilina. Temos o melhor exemplo na passagem que descreve uma espécie de excursão feita por Dedê e algumas personagens femininas ao Bom Jesus, local conhecido como “Roma lusitana”. Na ocasião, percebemos a devoção religiosa das mulheres, que procuram externar sua fé por meio de um ritual que exige o sacrifício físico de subir longas escadarias em adoração às figuras divinas.

No que se refere ao modo como se caracteriza o aldeão, em sua aparência simples e rústica, podemos assinalar a figura de Aleixo, compadre de Dedê:

Acudiu o compadre Aleixo, truculento, beduíno, barba de um dia renascendo de negros e grossos tocos, olho cúpido e marau, matraqueando o tamanco como o riso, uma grossa cambalheira de prata a prender o cebolão do relógio na bolsinha de lã, borlas de cor à mostra, tudo proclamando o pilorda mediano, nem lázaro nem farto, nem pobre nem rico. (RIBEIRO, 1958, p. 239).

Aleixo, a despeito do ar truculento aludido pelo narrador, é figura que mostra o costume prazenteiro do homem beirão de tratar com hospitalidade amigos e parentes. Assim ele procede com Dedê, acolhendo-o em sua casa e fazendo de tudo para proporcionar-lhe o máximo de conforto, embora, no ponto de vista deste, seja tudo muito precário e primitivo.

Por outro lado, a descrição lucidamente realista não se limita apenas a figuras em particular, como nos casos acima, estende-se ao conjunto das personagens anônimas que formam os figurantes da narrativas e aos hábitos cotidianos destas, revelados, por exemplo, numa prosaica visita à botica para comprar artigos medicinais:

Entrava gente, saía gente a aviar receitas de quotiliquê, pomada para as feridas, dois vinténs de basilicão, aquele vidrinho de iodo, santonina para as bichas, óleo de mamona para o senhor vigário que não obra há oito dias, pó para as pulgas, que esta farmácia era predilecta da arraia-miúda, o boticário as mais das vezes receitando e receitando melhor que o doutor. (RIBEIRO, 1958, p. 318).

Mas o tom por vezes risível ou bem-humorado da narrativa não oculta o panorama social de miséria em que vivem os habitantes da região, atingidos por pobreza extrema e por doenças diversas:

Sobre a tarde, quando iam para largar, estava à porta do hotel uma coluna cerrada de pedintes e necessitados. Os pedintes traziam sacola, mas os necessitados eram pobres mulheres vestidas de preto, ainda algumas com um lume inextinto de formosura na face macilenta, e velhos esqueléticos, gotosos, bronquíticos, comidos pela tuberculose, envoltos em velhos gabinarados. Diamantino mandou distribuir um conto de réis por aqueles náufragos da vida. O pior foi que em todos os burgos se repetia o painel doloroso. (RIBEIRO, 1958, p. 334).

O quadro descrito aproxima-se, assim, dos cenários humanos pintados ora por escritores do século XIX voltados para uma visão que buscava uma representação fiel da realidade vivida pelas camadas desfavorecidas da sociedade, ora por outros ficcionistas já do século XX, contemporâneos do autor, inclinados para uma escrita

mais documental e até politizada como forma de registrar a vida crua e árdua de extratos igualmente desvalidos da população portuguesa.

Diante do diálogo com os textos críticos sobre a questão regionalista e das considerações feitas sobre as novelas aquilínianas escolhidas para este estudo, acreditamos que é possível divisar, pelo menos em parte, haja vista o *corpus* limitado, a perspectiva estético-literária do autor, especialmente em sua feição mais voltada para a valorização de elementos regionais do povo lusitano. Procuramos aqui transmitir uma ideia, ainda que breve, sobre o modo como se configurou o regionalismo em períodos distintos da história literária portuguesa, identificando-o, de forma mais específica, na produção de um escritor que não pode ser esquecido, pela importância que o conjunto de sua obra tem ainda hoje. Os aspectos levantados e examinados revelam peculiaridades, idiosincrasias próprias dos contextos representados pelas narrativas em estudo.

Aquilino Ribeiro, representado aqui minimamente por duas de suas novelas, buscou dar relevo à aldeia lusitana e exaltar a sua pátria pelo viés da linguagem e da cultura dos habitantes de regiões mais remotas, nas quais destacam-se os instintos humanos mais primitivos, autênticos e vivazes em sua espontaneidade de expressão e de comportamento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Henrique. "Reconsiderações sobre a língua literária de Aquilino no romance «Terras do Demo»". **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 115/116, Maio 1990, p. 15-26.

\_\_\_\_\_. **Aquilino Ribeiro e a crítica**: ensaio sobre a obra aquilíniana e sua recepção crítica. Porto: Edições Asa, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **Aquilino Ribeiro, Jardim das Tormentas**: gênese da ficção aquilíniana. São Paulo: Quíron, 1973.

CORDEIRO, Ana Luísa Miranda dos Santos Costa. **Do Regionalismo ao Universalismo – Uma leitura de Andam Faunos pelos Bosques de Aquilino Ribeiro**. Dissertação. Mestrado em Estudos Port. Multidisciplinares, 2009.

GARCIA, Frederick C. Hesse. **Aquilino Ribeiro**: um almocreve na Estrada de Santiago. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1981.

LEITE, Ligia Chiappini M. Do beco ao belo: dez teses sobre regionalismo. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, no. 15, 1995, p.153-159.

MENDES, Manuel (Coord.). **Aquilino Ribeiro**. Coleção A Obra e o Homem. Lisboa: Arcádia, 1960.

RIBEIRO, Aquilino. A Brito Camacho. In: **Andam faunos pelos bosques**. Lisboa: Bertrand, 1985.

\_\_\_\_\_. A Carlos Malheiro Dias. In: **Terras do Demo**. Lisboa: Bertrand, 1985.

\_\_\_\_\_. **Abóboras no telhado**. Lisboa: Bertrand, 1963.

\_\_\_\_\_. **O Malhadinhas; Mina de Diamantes**. Amadora: Bertrand, 1958.

\_\_\_\_\_. **Volfrâmio**. Lisboa: Bertrand, 1985.

SOBRAL, José Manuel. A etnografia de Aquilino Ribeiro. **Revista Antropológicas**, Porto, n. 6, p. 7-41, dez. 2002.

TORRES, Alexandre Pinheiro. O Malhadinhas visto através do seu adagiário. **Colóquio Letras**, Lisboa, n. 85, p. 50-56, maio 1985.

VICENTINI, A. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**. UFG, vol.10, n.2, jul./dez. 2007, p.187-196.

VASCONCELOS, Taborda de. **Aquilino Ribeiro**. Lisboa: Editorial Presença, 1965.